

Blog: cronai.wordpress.com E-mail: cora@oglobo.com.br

CORA RÓNAI

LIVROS, LIVROS, LIVROS

Na semana passada, fiquei devendo mais alguns livros como sugestões de presentes de Natal. A verdade é que há pouco Natal para tantos livros, e é quase impossível escolher entre tantas tentações...

Nada interessa tanto a um ser humano quanto outro ser humano. Gostamos de ver gente — gente que conhecemos e que não conhecemos, gente que vai passando na rua, gente que estica a canga na praia, gente que entra no botequim ou mal se entrevê na janela em frente. Gente é a matéria-prima das melhores histórias que lemos e que contamos uns aos outros. Pois “A arte da rivalidade”, de Sebastian Smee — traduzido por Célia Euvaldo e publicado pela Zahar — é, no fundo, uma esplendorosa história de gente — mas gente que se chamava Bacon e Freud, Matisse e Picasso, Degas e Manet, Pollock e De Kooning, e que mudou para sempre a nossa compreensão da arte; quatro célebres amizades, tecidas em admiração e rivalidade, e coloridas com largas doses de tensão. Meio biografia, meio história da arte, cem por cento interessante, este é um daqueles livros que puxam outros: terminamos querendo saber mais sobre seus personagens, sobre a arte que fizeram e o mundo em que viveram. Para quem gosta de arte, de gente e acontecimentos reais.

“The underground railroad”, de Colson Whitehead, me chamou a atenção por um motivo inusitado — o título original, em inglês, aparece na capa em letras maiores do que o título em português, “Os cami-

nhos para a liberdade”. Acabo de ver isso no Vietnã, onde todos os livros traduzidos vêm com o título original. Aqui acontece muito pouco, em geral apenas no caso de obras que foram adaptadas para filmes ou séries. Uma das primeiras palavras da história é o meu nome, Cora, e fiquei curiosa em ver o que aconteceria com a minha xará. Não consegui mais deixar o livro de lado. Muita coisa se passa nas suas 312 páginas, e no coração de quem as lê. O livro foi recomendado por Barack Obama e por Oprah Winfrey, ganhou o Pulitzer e críticas empolgadas no mundo inteiro, não à toa: usando a força da ficção, ele fala sobre a miséria da escravidão nos Estados Unidos com um impacto maior do que qualquer livro de História poderia ter. Personagens fortes, cenas horripilantes descritas como os fatos corriqueiros que eram, narrativa ágil, trama épica, toques de realismo fantástico. Inesquecível. Tradução de Caroline Chang, edição Harper Collins. Para quem gosta de romances e de leituras eletrizantes, e consegue se confrontar com o racismo e a violência do passado, e as suas longas raízes no presente.

Nunca foi tão fácil encontrar presente para quem gosta de gatos: eles são os personagens de "Sobre gatos", de Doris Lessing (Autêntica, tradução de Júlia Romeu) e "Relatos de um gato viajante", de Hiro Arikawa (Alfaguara, tradução de Rita Kohl). "Sobre gatos" lê-se como uma conversa com Doris Lessing a respeito dos gatos com quem conviveu. É curioso observar a evolução dessa relação, inicialmente pragmática e destituída de qualquer sentimentalismo. "Relatos de um gato viajante", que vendeu mais de 400 mil exemplares no Japão (como nos informa a capa) é, ao contrário, um romance assumido, narrado em vozes intercaladas: Satoru atravessa o país em busca um novo lar para seu gato Nana, que não pretende sair do seu lado. A tarefa de trazer um bicho em primeira pessoa é frequentemente malsucedida, mas Hiro Arikawa se sai bem da empreitada, ainda que Nana seja mais um gato como gostaríamos que os gatos fossem do que um gato como os gatos são.

Há cerca de dois anos, a revista "The Atlantic"

publicou um extraordinário texto de Graeme Wood sobre o Estado Islâmico, "What Isis really wants", o que o EI realmente quer. O artigo, que causou enorme impacto, evoluiu e se transformou em livro minucioso e bem fundamentado, "A guerra do fim dos tempos" (Companhia das Letras, tradução de Laura Teixeira Motta). Raqqa, a capital do suposto califado, caiu em outubro deste ano, mas é prematuro supor que vimos o fim do famigerado Isis.

Como era a vida sob o califado? A resposta está em "Diários de Raqqa" (Globo, tradução de Fábio Bonillo), o cotidiano de um jovem que arriscou a vida para escrever sobre o inferno. Escondido pelo pseudônimo de Samer, e hoje vivendo num campo e refugiados, ele fala de uma cidade em ruínas onde faltam comida e remédios, e onde pessoas desaparecem ou são executadas em frente às próprias casas pelos motivos mais fúteis.

Esses são dois livros perfeitos para quem se interessa pelo noticiário internacional e tenta entender o mundo em que vive.

Nunca houve na Terra uma espécie como a nossa. Somos uma praga eficiente, tão capaz de promover mudanças que estamos pondo toda a vida do planeta em risco. "A sexta extinção, uma história não natural", de Elizabeth Kolbert (Intrínseca, tradução de Mauro Pinheiro), apresenta fatos e alerta contra o estrago que já fizemos, num texto bem pesquisado, magnificamente escrito e muito perturbador. Há uma extinção em massa acontecendo, e somos os responsáveis diretos por ela. Dessa vez, nós somos o meteoro. Cada vez mais atual e importante, este é um livro fundamental para todos, especialmente aqueles que não acreditam no aquecimento global. ●